

Festa, patrimônio vivo: reflexões sobre educação na feitura de tapetes do *Corpus Christi*

Celebration, living heritage: reflections about education at Corpus Christi carpet making

Enviado em: 15/05/2019

Aceito em: 29/01/2020

Frederico Luiz Moreira¹

Lana Mara de Castro Siman²

Resumo:

Esse artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou compreender processos educativos presentes na feitura dos tapetes de serragens da festa de *Corpus Christi*, em Sabará, Minas Gerais. Pautou-se na suposição de que os processos educativos se fazem presentes nas situações de relações intergeracionais ocorridas durante e no período anterior a referida festa. Além da observação participante de dois trechos ornamentados, foram realizados registros fotográficos, notas em diários de campo, numa perspectiva etnográfica, e entrevistas semiestruturadas com moradoras que ainda perpetuam essa tradição junto a jovens participantes do processo de feitura dos tapetes. Produziu-se, em diálogo com conhecimentos oriundos de abordagens socioantropológica, histórica, patrimonial e educativa da festa, análises sobre as interações e sociabilidade intergeracionais, estabelecidas entre os participantes durante a feitura dos adornos, e transmissão de saberes, fazeres, valores e sensibilidades, conferindo-lhes significação de um patrimônio cultural imaterial e reforçando valores identitários e ligações de pertencimento.

Palavras-chave: Festa; Patrimônio; Educação.

Abstract:

The article discusses an excerpt from a research that sought to understand educational processes present in the making of sawdust carpets of *Corpus Christi* celebration in Sabará, Minas Gerais. It was assumed that educational processes are present in situations of intergenerational relations occurred during and before the celebration. In addition to the participant observation of

¹ Doutorando em Antropologia Social, pelo PPGAn/UFMG. E-mail: fredmoreir@gmail.com

² Doutora em Educação (Didática da História), pela Université Laval, Québec, Canadá. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: lana@ufmg.br

two ornate sections, photographic records, field notes, and semi-structured interviews were conducted with residents who perpetuate this tradition and young participants in the process of making carpets. Analyses were produced in the dialogue between socio-anthropological, historical, patrimonial and educational approaches of the celebration and the data captured previously and during the party. Among the research findings, it can be identified that intergenerational relations can potentially perpetuate, in a living form, an intangible heritage - carpets and their workmanship - between permanence and innovations, conflicts and agreements, granting feelings of belonging.

Keywords: Celebration; Patrimony; Education.

Considerações iniciais

Há algum tempo vimos promovendo registros fotográficos e leituras visuais sobre o processo de colorir e enfeitar ruas da festa sagrada do *Corpus Christi*, da cidade de Sabará, em Minas Gerais. O recorte de pesquisa que aqui apresentaremos³ tem como foco a dinâmica de transmissão intergeracional da tradição da feitura dos tapetes de serragens que ornamentam a via da procissão pelas ruas da cidade, visando a capturar e compreender, nessas dinâmicas, a presença de processos educativos, expressos por sociabilidades, saberes e fazeres. Interessou-nos, portanto, o registro sensível e subjetivo dos sujeitos transmissores de saberes e práticas, a partir das interações e sociabilidades intergeracionais, presentes na feitura desse ornamento.

Antes de discutir a respeito da festa como patrimônio vivo e a relação entre a festa e a educação numa perspectiva intergeracional apresentaremos, de forma concisa, a metodologia empregada pela pesquisa, destacando o seu *locus* de observação e a perspectiva e procedimentos metodológicos empregados no que tange ao recorte da pesquisa, objeto do presente artigo.

O *locus* escolhido para observação e análise dos tapetes foi um trecho que se inicia na Rua Dom Pedro II (antiga Rua Direita) e continua à esquerda na Rua Comendador Viana (antiga Rua do Fogo). A Rua Dom Pedro II é, reconhecidamente, o local em que a feitura dos tapetes se dá da forma mais próxima da tradição estabelecida a partir do século XVIII, tanto por ser trecho residencial, quanto pela

³ O recorte aqui apresentado resulta da dissertação de mestrado.

preferência dos moradores pela ornamentação com uso das serragens policromadas, contemporâneas ao antigo uso das flores e folhagens.

Considerando que o objetivo central da pesquisa e do recorte aqui apresentado foi o de dar a conhecer possibilidades educativas presentes nas relações intergeracionais durante o processo de feitura dos tapetes da festa de *Corpus Christi*, impôs-se a escolha da perspectiva qualitativa da pesquisa e de procedimentos de caráter etnográfico⁴, tais como a pesquisa participante, o diário de campo e o registro fotográfico, assim como a escolha de um procedimento de outra natureza que foi a entrevista semiestruturada, a fim de que pudéssemos capturar narrativas gestuais, visuais e orais com o máximo de detalhes o que pôde ser apreendido pelo nosso olhar, ou seja, o campo sensível e subjetivo dos sujeitos elaboradores desse ornamento, e o que fora dito por alguns de seus participantes. Quais saberes e modos de fazer são transmitidos, por parte daqueles que cultivam a preservação da tradição de feitura dos tapetes para “Deus passar”, às novas gerações? Por meio de quais gestos e olhares crianças e jovens demonstram se apropriarem⁵ dessa tradição? Em fim, quais as trocas intergeracionais foram feitas e de que forma?

A observação participante, auxiliada pelos registros fotográficos e a escrita no diário de campo⁶, pareceu-nos procedimentos imprescindíveis para a captura de elementos das relações de sociabilidade intergeracionais e dos saberes e modos de fazer transmitidos e também apropriados. A observação participante, como é sabido, tem o valor de favorecer a interligação entre o repertório de experiências e conhecimentos dos pesquisadores para interpretar o fenômeno estudado, como também o de assegurar a possibilidade de descoberta de novos aspectos (LUDKE, ANDRÉ, 1986). Assim, tanto a troca de saberes sobre o processo de feitura dos

⁴ A etnografia é entendida como um método singular oriundo da antropologia que utiliza da aproximação e ao mesmo tempo distanciamento de um grupo social e, ou, étnico para a observação e apreensão da complexidade de comportamentos, gestualidades, sistemas simbólicos, políticos, econômicos, culturais. Investiga, portanto, a alteridade, verificando e analisando fenômenos sociais que comumente foram descritos de forma narrativa. Para sua efetivação, como bem elucida François Laplantine (2004), o etnógrafo deve se deslocar de uma região à outra, ou, ao menos deslocar seu olhar, “a forma de ver”, tendendo a minimizar as interferências originárias de sua própria cultura. Esse método corrobora para estreitar a distância que há entre o investigador e seu objeto, sejam grupos ou sujeitos, que é narrada tal como uma experiência vivida, a fim de descrever o que lhe foi visível e *invisível*. Ainda além, subentender que seu olhar não pode ser totalizante, tão pouco único ou dogmático.

⁵ Tomamos o termo apropriação como modos de tornar próprio, de tornar seu (SMOLKA, 2000, p.28).

⁶ O diário de campo, como um dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, suscitou o recolhimento de informações originadas de experiências vividas, de olhares, materiais, técnicas e processos gestuais. Florence Weber (2009) defende os diários de campo não apenas como blocos de anotações sobre observações do acaso, mas como método disciplinante em que o pesquisador etnógrafo precisa apreender no desenrolar cronológico dos fatos.

tapetes, as gestualidades requeridas para execução do desenho das diferentes simbologias e os efeitos estéticos resultantes da combinação de cores, materiais e formas requereram que nossos olhares sobre os confeccionadores do tapete fossem potencializados, como também registrados com o auxílio das lentes de uma máquina fotográfica. Para a antropologia, o advento da fotografia inaugurou um instrumento valioso de registro visual das linguagens simbólicas presentes nos costumes, modos de vida cotidiano, nas práticas culturais, dentre outros objetos. Assim, através da fotografia pudemos documentar, registrar, como também narrar o ocorrido, evidenciando o que esteve e o que não esteve presente nesse dado momento e local. Como assinalam Jaqueline Tittoni, Renata Ghisleni de Oliveira, Paula Marques da Silva e Grace Tanikado as “visibilidades podem ser fixadas através de artifícios que buscam uma certa suspensão do tempo, evocando um desejo de duração” (TITTONI; OLIVEIRA; SILVA; TANIKADO, 2010, p.60). O registro das imagens da feitura dos tapetes permitiu-nos, como se verá mais tarde neste texto, evidenciar outras visualidades possíveis.

Para a realização das entrevistas semiestruturadas buscamos identificar, na cidade, pessoas que reconhecem a manifestação como uma referência cultural importante, sendo muitas das vezes interlocutoras junto ao poder público e, assim, desempenhando papel fundamental na identificação e na implementação das ações de salvaguarda. Foram entrevistados seis sujeitos no total sendo que, para efeito do presente artigo, serão apenas utilizadas dados originados de quatro dessas: duas moradoras dessa rua, que são envolvidas de forma intensa e longeva na feitura dos tapetes, diríamos, são *mestras* dessa tradição, Magda Maria Rossi e Mônica Dolabela Irrthum, e duas jovens tapeceiras que acompanham, anualmente, o momento de construção do tapete⁷. Num roteiro previamente elaborado, a entrevista semiestruturada foi aplicada aos sujeitos escolhidos, evitando questões avaliativas, hipotéticas, de consequência ou mesmo categóricas. As perguntas foram direcionadas e sequenciadas por tópicos na perspectiva de indagar, inicialmente, assuntos e posições pessoais, “internos” aos sujeitos, continuando com o parecer pessoal do

⁷ Cartas-convite foram enviadas aos sujeitos escolhidos, devido a sua longa participação na produção dos tapetes do *Corpus Christi*, para que fossem entrevistados e reportassem suas experiências sensíveis da tradição e suas memórias das celebrações. Momentos antes das entrevistas, explanamos sobre os procedimentos da pesquisa e sobre o *termo de consentimento livre e esclarecido*, necessário à participação dos sujeitos na investigação e ao resguardo do uso de seus nomes e imagens, e reservamos aos entrevistados menores de idade o consentido uso de pseudônimos.

sujeito entrevistado sobre a dita prática cultural-religiosa, em seus processos, formas de transmissão, apropriação e adaptação. Enfim, as perguntas remeteram os sujeitos aos seus posicionamentos diante da feitura dos tapetes, sobre os modos de transmissão e apropriação de saberes e de modos de fazer, sobre valores e referências diante da tradição e de suas mudanças.

A festa como patrimônio vivo

O catolicismo narra o nascimento da festa do *Corpus Christi* como procedente de Liège (Bélgica), no século XIII. Nesse local, Juliana de Cornion, em epifania, assegurou ter visto Cristo dando-lhe evidências de que seu desejo era que a *Eucaristia*⁸, o sacramento, fosse confirmada em destaque nas celebrações (SANTOS, 2005).

Beatriz Catão Cruz Santos (2005, p.24-26) descreve que, recorrendo a bula *Transiturus*, o Papa Urbano IV instituiu a extensão da festa para toda cristandade. São Tomás de Aquino, por sua vez, preparou, a pedido de Urbano IV, todas as liturgias que até hoje são utilizadas na celebração do *Corpus Christi*. Beatriz Santos (2005) reproduziu, pela tradução de Inácio Barbosa Machado, parte da Bula papal que dizia “[...] na solenidade da missa **frequentamos** este venerável sacramento, contudo, nos pareceu conveniente e acertado, que, ao menos uma vez a cada ano, faça-se deste sagrado Mistério particular **memória**⁹ [...]” (SANTOS, 2005, p.29). Dessa forma, a tradição percorreu os séculos chegando mais tarde a Portugal e em demais terras lusitanas como em Algarve e nos Açores, tendo desaguado, futuramente, no Brasil.

Como explana Léa de Freitas Perez (2011), em sua obra *Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil*, a tradição da festa de *Corpus Christi* teve início em Ouro Preto como a “primeira festa com registro documental em Minas Gerais” (PEREZ, 2011 p.103). Anunciada como exposição artística popular, em Vila Rica, a festa foi localizada no chamado Triunfo Eucarístico (1733), marco da transladação do

⁸ *Corpus Christi* é uma festa devotada ao *Corpo de Deus*, ou *Corpo de Cristo*. É uma data adotada pela Igreja Católica para comemorar a presença *real* de Deus no sacramento da Eucaristia. *Corpus Christi*, no Brasil é considerada um feriado nacional. A alteração, ou variação de sua data em cada ano é calculada como sendo a primeira quinta-feira após a *Festa da Santíssima Trindade*, ou mesmo sessenta dias depois do domingo de Páscoa. Sua comemoração acontece numa quinta-feira, em referência à Quinta-Feira Santa que, nas narrativas bíblicas, faz referência à última ceia dos seguidores de Cristo, os apóstolos, com Jesus, conhecida como Eucaristia. Na ceia, Cristo dá simbolicamente sua vida aos seus seguidores e assinala para que comam o pão e bebam o vinho que seriam seu corpo e sangue transformado em alimento e fé.

⁹ Destaques em negrito dos autores.

Santíssimo Sacramento da Igreja do Rosário até a Igreja do Pilar, representando um deslocamento da guarda o Santíssimo pelos negros do Rosário para a guarda de brancos e ricos da Matriz do Pilar do Pilar. Por meio disso, Perez descreve que “A festa foi cuidadosamente preparada durante vários dias. Luminárias enfeitaram a cidade, colchas de seda e damasco ornavam as janelas. Arcos foram dispostos ao longo das ruas” (PEREZ, 2011, p.103).

A festa do *Corpus Christi* ao chegar a Sabará, transportada no século XVIII da Europa pelos colonizadores portugueses, como de resto para várias outras cidades de formação colonial no Brasil, tem sua feição recriada. Como cultura se instalará com suas singularidades e será perpetuada no tempo, num jogo de permanências e mudanças.

Sabará, como outros arraiais formados no período colonial cresceram devido à mineração do ouro dando origem a *Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará*, em 17 de julho de 1711. Sabará é uma das cidades onde são confeccionados, ano após ano, os tapetes de serragens. Estes se iniciam na Praça Melo Viana, à frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e percorrem a cidade até a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, numa compleição de cor, beleza e resistência.

Sabará é uma cidade em que a fé católica, embora não seja a única a ser professada por seus habitantes, tem seu poder ostentado pelas igrejas em estilo barroco e pelos fiéis a que as frequentam. Sob as luzes do dia e da noite refletidas nas sinuosidades das ruas montanhosas da cidade, a festa se faz acontecimento sempre esperado, anualmente, pelos habitantes da cidade e por outros de fora que pra lá se dirigem. Não tardará, como todo ano, para a procissão nos conduzir para a rua escolhida, onde o tapete a redesenhará em cores.

Grande parte da memória de Sabará foi sendo conservada em sua paisagem cultural e edificada, como também apresentada nas práticas religiosas e de sociabilidade tradicionais, expressando seus patrimônios materiais¹⁰e imateriais¹¹. A partir de 1938, diversos bens patrimoniais em seu centro histórico, assim como de

¹⁰ Imóveis e móveis.

¹¹ Costumes, festas, festejos, credences, fazeres, saberes, danças, cantorias, ideias, tradições orais, etc.

demais localidades que se formaram no período colonial, foram tombados pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional¹².

É importante ressaltar que a partir do decreto municipal nº 410/2002, que instituiu formas de registro de bens culturais de natureza imaterial, ou intangível, vários registros patrimoniais foram efetuados em Sabará, sendo esses: *Formas de Expressão do Congado em Sabará* (13/05/2015); *Celebração da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Sabará* (13/05/2015); *Celebração da Semana Santa em Sabará, sua sede e regionais* (13/05/2015); *Modos de fazer dos derivados de Bananeira em Ravena* (08/04/2015). Entretanto, dentre as manifestações religiosas, sobretudo, católicas, o *Corpus Christi* e seus tapetes não detêm o registro patrimonial, mesmo tendo relevância histórica e identitária para a cidade de Sabará¹³.

Entender a festa como um patrimônio cultural é antes de tudo colocar em relevo aquilo que a permeia: suas expressões, conhecimentos, objetos, locais, e a identificação e sentido de pertencimento dos indivíduos que a produzem e dela participam.

Em 04 de agosto de 2000, o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial foi instituído e dessa iniciativa de proteção, valorização e preservação criou-se o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Nesse decreto, encontra-se dispostos no inciso primeiro, do primeiro artigo, a instituição do registro dos bens intangíveis, no âmbito da cultura brasileira, através dos seguintes dizeres:

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

¹² Cristina Reis Figueira e Lílian Lisboa Miranda (2012) explicam que ambos os bens têm seus valores culturais declarados oficialmente pelo IPHAN, por meio do *Livro do Tombo* e do *Livro de Registro de Bens Imateriais*. Os bens materiais são separados em quatro formas de bens, de natureza cultural, que são: Livro de Tombo Histórico; Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; das Belas Artes; e das Artes Aplicadas. Os bens tidos como intangíveis são divididos em quatro livros distintos: *Livro de Registro dos Saberes*; *Livro de Registro das Formas de Expressão*; *Livro de Registro de Lugares*; *Livro de Registro das Celebrações* (FIGUEIRA; MIRANDA, 2012, p. 38-39).

¹³ Os registros estão dispostos, no site da Prefeitura de Sabará (vide: "documentações da secretaria de cultura"). Disponível em: <<http://www.sabara.mg.gov.br/portal/index.php/2015-08-17-18-16-29/documentacoes-da-secretaria-de-cultura>>. Acesso em: 04 de set. de 2016.

A salvaguarda atenta, portanto, para a preservação do bem imaterial com a pretensão de fomentar ações de difusão dessa memória, para a valorização dos patrimônios dessa natureza. A arquiteta Márcia Sant'Anna (2013), ao escrever sobre a festa, enquanto patrimônio cultural enfatiza a importância que os indivíduos, grupos e comunidades “têm como produtores, detentores, criadores e transmissores do patrimônio cultural e, portanto, como “suportes” desse patrimônio e principais alvos do processo de preservação” (SANT'ANNA, 2013, p. 23-24).

Sant'Anna alerta sobre a hipertrofia, a dessacralização e comercialização das festas como questões que evidenciam ameaças, apontando para a criação de fomentos que instruem sobre sua valorização numa esfera simbólica, mais do que econômica, como vem sendo percebida na “patrimonilização” dos fenômenos de massa. Recorrendo a essa reflexão, a autora aponta que o campo “celebrações” tal como descrito no decreto, possui um sentido mais amplo, que pode conferir à festa uma definição de referência cultural, além de religiosa e do trabalho, entendimento para o qual a perspectiva converge a pesquisa realizada.

A autora ressalta, também, que a preservação e salvaguarda tende a ocorrer mais pelo reconhecimento do bem cultural pela (s) coletividade (s) do que por meio de ações junto ao poder público, pois:

Essa coletividade, que reconhece a manifestação como uma referência cultural importante, torna-se interlocutora do poder público e desempenha papel fundamental na identificação e na implementação das ações de salvaguarda. Em segundo, cabe ressaltar a necessária produção de conhecimento sobre o bem cultural em causa, etapa em que a coletividade comprometida atua não como simples informante, mas como detentora privilegiada de conhecimentos sobre o bem (SANT'ANNA, 2013, p.24).

A autora salienta, ainda, que o diagnóstico dos elementos que compõem o bem cultural amplia tanto as condições de sua apreensão, quanto de seu contexto político, religioso, socioeconômico e sócio histórico. Essa compreensão e conhecimento podem identificar impactos que estão presentes e delinear maior condição de atuação do poder público, envolvendo a comunidade.

Nesse sentido, o registro e a documentação caracterizam também uma retomada da festa como espaço sagrado e de tradição. Por isso, sua valorização simbólica evidencia a documentação de sua memória, através dos registros, validando seu caráter de documento histórico de processos culturais, e, entre outros, o da

presença das festas na caminhada pelo tempo da própria sociedade (SANT'ANNA, 2013).

As criações simbólicas que compõem os tapetes de serragens conferem à festa a ideia do efêmero que, embora passível de apropriação e reprodução, representa algo criado pelo momento e para o momento, e, que denota, em sua composição, parte de uma cultura, a expressão popular e leiga concebida para a celebração. De tal modo, Léa Freitas Pérez (2002) insiste que a festa pode ser entendida “como extra-ordinária, extra-temporal e extra-lógica numa significação de instância aquém, instaurada por exaltações e consagrada à algo, ou alguém”, o que corroboramos com o rito, e com o tapete. Ademais, acrescenta a autora

[...] a festa instaura e constitui um outro mundo, uma outra forma de experiência da vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções[...]. É pela con-junção dessas três características constitutivas da festa que podemos defini-la como paroxismo, dado que ela é fundamentalmente transgressora e instauradora de uma forma de sociação, na qual o acento é dado pelo estar-junto, pelo fato mesmo da relação. (PÉREZ, 2002).

O tapete, mesmo não sendo inicialmente parte do rito, ou seja, instrumento indissociável da liturgia tradicional do *Corpus Christi* se efetivou como tradicional, como “ornamentação essencial”. Assim ele foi compreendido por muitos dos participantes como um motivo e um fim dessa festa.

Desta maneira, e como parte da festa, os tapetes valendo-se de cores, formas, cheiros e texturas, podem nos sensibilizar a enxergar a cidade como local onde novas relações sociais potencialmente educativas podem emergir. De tal modo, ambas - cidade e festa - inter cruzadas pelo sensível, por um saber-fazer tradicional, articulam-se com as relações sociais um “acordo” pela continuidade de heranças, tradições e memórias, efetuando funções sociais, enquanto a sociedade efetua, pela memória, sua identidade.

O tapete de serragens, “ornamento efêmero”, criação sujeita à destruição – perecível - possivelmente encontra em sua festa, a expressão de sua existência. Aqui a noção de sacrifício parece ser preeminente. Mesmo que pisoteada, a construção estética advinda da serragem colorida cumpriu, nesse momento, o seu desempenho. Essa construção antropológica dá à festa sua própria significação, ou seja: a designa como uma *festa*, como *Corpus Christi*. Assim, foi observado que o limite entre ambos, festa e rito e objeto (tapete) não existem, pois um se torna motivo do outro: tapete-

festa-rito. Ademais, aquilo que possibilita essa ligação, pode possivelmente ser um fenômeno educativo que têm na socialização, a transmissão dos valores e de suas apropriações.

A diferença na representação visual segundo o material utilizado para a elaboração desses tapetes, “pode ser abordado por sua materialidade visível e palpável, bem como por sua potência provocativa da memória, da sensibilidade com razões do presente, ou, ainda, da leitura renovada do passado” (PEREIRA, 2015, p. 87). Essa mesma abordagem foi observada na fala de uma das seis pessoas entrevistadas na pesquisa¹⁴, Magda Maria Rossi, uma das *mestras* deste ofício na cidade, moradora da Rua Dom Pedro II¹⁵, a antiga Rua Direita. Magda é totalmente envolvida com feitura dos tapetes há décadas, e, em meio a sua fala, ela nos esclareceu sobre seu ponto de vista, ao relatar suas preferências:

“Eu prefiro a tradição, a serragem. Acho que fica um trabalho mais característico. Ela se adaptou mais para a época, para o tapete. Porque a serragens se misturam com suas várias cores, e elas ficam parecendo mais com um tapete. Acho que é melhor do que você fazer em lona, pintura, pintura a óleo, como a gente vê em outros lugares por aí. Eu até admiro esses trabalhos, mas, nós não sabemos fazer assim. Eu acho que para a gente que tem costume de usar moldes, tem que ser serragens. Eu não gosto de usar outros materiais não. Se a gente pode trabalhar com a serragem toda colorida e fazer o trabalho com as serragens, vai ficar um trabalho mais homogêneo. Eu não gosto de muita misturar, não.”

“Teve um ano que nós fizemos um tapete só com peixes [imagens]. Teve outro ano que nós fizemos só com flores [imagens]. O de flores ficou maravilhoso! Mas, eu prefiro que a serragem esteja no chão. Acho que fica mais tradicional, mais bonito, sabe?!”

Por mais que Magda tenha ressaltado a continuação e não alteração da tradição do uso das serragens, nos tapetes do *Corpus Christi* em Sabará, constata-se que mudanças de formas e materiais vêm acontecendo, não apenas na rua onde ela, junto à Mônica (sua amiga e tapeceira de longa data nessa prática), residem, atuam e coordenam, como também nas demais ruas onde se observa o uso de tampinhas de

¹⁴ Aqui estamos nos referindo ao total de entrevistas na pesquisa que está na origem do presente artigo. Relembramos que neste artigo nos valem de quatro entrevistas.

¹⁵ Para fins desta pesquisa, houve um recorte na extensão do tapete. Selecionamos o trecho compreendido pela Rua Dom Pedro II¹⁵, tombada pelo IPHAN, em janeiro de 1965 (processo, nº 485). O restante das ruas foi utilizado apenas para comparação entre seus tapetes, principalmente em trechos não tradicionais em que se utilizam, atualmente, referências não religiosas com uso de materiais diversos, e/ou, por não manter uma continuidade na ornamentação de suas vias, devido à presença de estabelecimentos comerciais e instalações afins. A Rua Dom Pedro II se inicia na final da Praça Melo Viana e termina quase às margens do Rio Sabará. Entre seus solares e casarios encontramos o Teatro Municipal (Casa de Ópera – 1819); a Casa Azul (ao nº 215); o Solar do Padre Corrêa (o Paço Municipal); o Solar de Dona Sofia (ao nº 72) e diversas casas coloniais.

garrafas pintadas; cones de cartolina colorida; panos pintados à mão; papeis laminados dourados e prateados colados sobre peixes impressos em papel; algodão presente no corpo de ovelhas pintadas em tecido; flores inteiras; pétalas avulsas e folhas de vários tipos de plantas; sal; farinha; café; grãos variados e pequenas pedras coloridas. São alguns dos exemplos de renovação no uso de materiais e de como a tradição vêm se dinamizando através das novas gerações.

É interessante ressaltar que quando foi perguntado à Magda e à Mônica sobre o uso das flores, nada se percebeu sobre a substituição das flores e plantas pela serragem. Ou seja, quando eram novas, elas possivelmente mantiveram o uso das serragens em detrimento ao uso das flores e plantas. Talvez, por se tratar de algo novo, prático para o preenchimento dos desenhos e de fácil tingimento, ou que adquiria maior variação cromática e plasticidade. Seja qual for motivo, elas também optaram pelo uso de novos materiais.

Desta forma, Magda e Mônica, certamente mudaram a sua maneira de fazer os tapetes, não tanto em razão da convivência com gerações mais novas, mas, muito mais pelas mudanças culturais e econômicas que promovem a renovação e ou desaparecimento de materiais assim como o aparecimento de e novos padrões estéticos.

Inspirados em Mauss (2003), podemos dizer que os tapetes de serragens são objetos que podem contribuir tanto para explicar a sociedade que os compôs como para compreender o dinamismo de um sistema cultural que, no caso aqui estudado e apresentado, revelou-se não apenas pela substituição dos materiais empregados na feitura das simbologias da narrativa bíblica, como também no seu modo de fazer, nos gestos que o compõem. Trata-se, portanto, de uma festa/celebração como patrimônio vivo.

Festa e educação numa perspectiva integracional

Como a educação é uma prática social, a transmissão e a apropriação entre as gerações ocorrem através da socialização produzidas por meio das interações sociais. Entretanto, inevitavelmente se esbarra nos “modos de geração” e, nessa perspectiva, alianças, disputas e conflitos estarão em evidência, como salienta Tomizaki:

A socialização, nessa perspectiva, [...] torna-se fatalmente um encontro de gerações, um encontro necessário e incontornável, no qual, entre disputas e alianças, diferentes gerações definirão, umas em relação às outras, as continuidades e rupturas de determinados “modos de geração”. Sendo assim, os processos socializadores são parte constitutiva da “Dinâmica das gerações”. (TOMIZAKI, 2010, p.342).

Ainda além, como argumenta a autora (2010, p.342) “pensar a educação em uma perspectiva geracional significa enraizá-la em seu pertencimento social, atribuindo-lhe sentidos mais amplos, fortemente pautados no movimento das interações sociais”.

Ainda seguindo o raciocínio de Tomizaki (2010) vamos ver que ela enfatiza que é a dinâmica intergeracional que permite “que as faces das gerações sejam viradas em direção ao passado” (TOMIZAKI, 2010, p. 341), e que essa dinâmica encontra apoio em diferentes instituições que se constituem como instancias mediadoras dos processos de socialização.

Na pesquisa estivemos atentos aos simbolismos que uma vez presentes nos tapetes são capazes de dar movimento às representações do catolicismo, promovendo o olhar do sujeito para o passado, na premissa de que ele se reconheça nas representações e narrativas e com elas se identifique. Embora a autora em tela não dê realce às dinâmicas intergeracionais que ocorrem nos espaços públicos da cidade (por meio das festas, por exemplo), consideramos que seu arcabouço conceitual auxilia-nos a apreender a presença de momentos de identificação, de conflitos e de negociações de sentidos em torno do processo de produção dos tapetes de *Corpus Christi*.

Neste esforço, o que pode, então, ser considerado ou possível de ser transmitido de uma geração à outra, uma vez que ambas as gerações se influenciam mutuamente através da socialização, como elucidada Mannheim. É provável que a resposta para essa indagação esteja na própria socialização, pois ao se influenciarem, ambas as gerações se transformam e, neste movimento, as influências estabelecidas entre elas, como descrito na própria pergunta, são mutuas. De tal modo o essencial,

“[...] em todo processo de transmissão é que a nova geração cresce imersa em comportamentos, sentimentos e atitudes herdadas”. E essa herança será transmitida para a nova geração em um processo de “mão dupla”: “não é somente o professor que educa o aluno, mas também o aluno educa o professor. (TOMIZAKI, 2010, p.341).

Parafraseando o que diz a autora, o rito e a festa em seus processos, incluindo a feitura dos tapetes, sobretudo, veremos que esses processos também educam, socializam, promovem a perpetuação de determinadas tradições. Pudemos apreender por meio de gestos, risos, abraços que a comunidade com suas crianças e jovens, fazem da festa e, em particular da feitura dos tapetes, um encontro intergeracional, carregada de trocas sutis ao olhar despreparado ou desinteressado. Nesse processo - risadas, comidas e conversas - irrompem a sobriedade presente nesse rito, em seu contexto de parcimônia (religiosa). Pudemos perceber como as risadas atenuaram o encontro entre ambos, festa e rito, e nos fizeram observar que o tapete remete à própria criação da festa, a criação da vida coletiva, pois ambos se encontram, e nesse encontro se definem. Porquanto: “Festa, cerimônia/ritual e divertimento não são redutíveis uns aos outros” (PÉREZ, 2002, p.4).

O que precisa ser demonstrado, nesse momento, consiste na educação presente nessas práticas. Pensar na experiência festiva como momento de transmissão dessa herança cultural demarca o que vem sendo feito e as tradições que se transformam no movimento da história. Como podemos ver na fotografia 01, um momento singular de transmissão intergeracional em que um senhor idoso observa seu neto e filho compondo, juntos, as ornamentações de sua rua. O pai ensina o seu filho, ainda criança, como assentar as serragens entre os calçamentos para que fiquem uniformes. É interessante perceber que na infância as crianças observam, manuseiam e são instigadas a produzirem os tapetes e a festa junto aos jovens, adultos e idosos. Isso se repete e com o passar dos anos espera-se que a criança, ao caminhar para a fase adulta, saiba como proceder com as formas de se preparar e dar continuidade à tradição de maneira sempre renovada. Flagramos um momento de inter-relação dos sujeitos quando, por meio de gestos, os fazeres e saberes perpetuam essa herança.

Fotografia 1: Tradição entre gerações



Fonte: autoral. 2015.

Observamos que o tapete de serragens, sendo percebido como intercessor entre a memória, a festa e o rito de seu uso, é identificado no encontro de ambos os patrimônios: material e imaterial.

O tapete, sendo um suporte da construção e expressão coletiva e leiga, permite articular possibilidades de uma educação de valores tais como a transmissão de saberes, ajuda mútua, solidariedade, tolerância em relação ao outro e, quem sabe, contribui, ainda, na transmissão de sua história, construção e transformações culturais.

Nessa noite da feitura dos tapetes vimos, portanto, crianças rodearem os adultos na expectativa de aprenderem uma tradição que se repete todos os anos. Nesse momento, elas escutam, experimentam, assimilam e reproduzem, até certo ponto, aquilo que vem sendo feito com as serragens e demais materiais. As crianças

aprendem a preencher as formas no chão, entendendo o local certo em que cada cor deverá ficar. Sentem os cheiros, as texturas, e, sobretudo, as histórias que os adultos sempre lhes contam, o que fundamenta a prática e as integra ao próprio grupo de *tapeceiros*. Histórias orais, crenças e os fazeres unem as sensibilidades e sentidos, integrando também a possibilidade de que esses possam se inovar.

Podemos dizer que, ao estarem na festa, as regras são outras. Nela terão primazia os sentidos, a imaginação, os valores pessoais e coletivos. Ao vivenciarem a festa, repete-se e recria-se outro mundo, o mundo de um grupo do qual os jovens querem fazer parte. Neste “jogo” compreendem que ao ajudarem o grupo, na festa e para a festa, eles podem fazer parte dela e assim, por intermédio da cooperação, a este se integram. Alguns se afeiçoam pela prática, já outros, não. Alguns se aproximam pela fé, outros pelo lúdico ou pelo grupo e, ao aproximarem, criam laços de pertencimento, compreendendo de perto o que é a vida social.

Assim como na vida social, as propostas se alteram, seus “protagonistas” e seus meios se modificam, transgridem. Entretanto, algo permanece entre as inovações e aprendizagens. Talvez a continuidade da transmissão do velho ao novo, de seus valores, por exemplo, ou mesmo os alicerces daquilo que os mais velhos acreditam, por intermédio de suas experiências e vivências, serem suas verdades.

Jadir Pessoa (2005, p. 39), na sua obra “*Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*” descreveu como se expressa a dimensão educativa da festa:

A dimensão educativa da festa expressa-se, especialmente, numa ambiguidade que lhe é intrínseca: a festa visa marcar em cada membro do grupo social os seus valores, as suas normas, as suas tradições; ao mesmo tempo em que se transforma sempre num grande balcão, numa grande demonstração das inovações, das mudanças, das novas descobertas, das novas concepções e, porque não dizer, da fecundidade das transgressões. Festejar ou simplesmente festar, como dizemos num genuíno “goianês”, é, antes de tudo, aprender o quanto temos de riqueza e de sabedoria a preservar e, com a lenta mudança das mentalidades. Quem vai à festa tem a possibilidade de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e reproduzir as condições de sobrevivência. Há que se abrir para o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas, sem o velho no apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias.

À luz dessa perspectiva, ao entrevistar Magda e Mônica, percebemos algumas considerações a respeito dos hábitos e interesses dos jovens pelas tradições que cercam a festa de *Corpus Christi*, que denunciavam tanto o ponto de vista conservador, dado à solicitação por se manter a tradição, quanto à visão dos mais velhos ao observarem a inserção tecnológica cada vez maior em seu meio. Um pressuposto ponto de interferência das sensibilidades vigentes.

“Os jovens de hoje, você vai me desculpar, estão em outra! A tecnologia está levando esses meninos de hoje, a não ter [essa] sensibilidade. A família hoje não é parecida com a minha. Acho que isso tudo é criação.”

“Os meninos de hoje, você vai me desculpar, não estão sendo criados para nada! É só internet, é só celular! E, é engraçado, por exemplo, porque eu tenho sobrinhas que estudam em escolas de Belo Horizonte. Daí tem uma festa, e elas me ligam e dizem: “Tia, preciso que você me faça um arranjo de cabeça, para a festa disso (...), porque eu vou ser isso e aquilo (...)”. Uma delas estuda no Sagrado Coração de Jesus e lá tem coroação, aí a menina vai como um anjo, bonitinho. Daí eu faço uns ornamentos diferentes [...]. A gente mantém a tradição, e elas ficam encantadas. O pessoal de Belo Horizonte já põe qualquer roupa e vai de qualquer jeito, não é igual a gente que mantém a tradição: com um vestidinho comprido, com uma pala, com uma asa, com um aro na cabeça. Entendeu?! [...] Então eu acho que hoje eles estão muito sem referência. Acho que não teremos mais crianças assim, como eu fui”.

Através dessa descrição, Magda estabelece uma diferenciação entre o *urbano*, e Sabará como uma cidade do interior. Suas referências exemplificam o trato tradicional dado às festas religiosas e ao distanciamento dos jovens com a tradição, que vem sendo substituída pelos entretenimentos tecnológicos. Todavia, ao exemplificar sobre suas sobrinhas, é possível perceber que ela perde, num certo sentido, o que havia mantido como discurso do distanciamento dos jovens da tradição. Como quando ela diz: “*A gente mantém a tradição, e elas ficam encantadas*”. Existem ligações entre o que está sendo feito, enquanto tradição e o encantamento das sobrinhas. Assim, uma experiência “[...] partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve ser oferecida à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados” (PESAVENTO, 2007, p.3).

É natural que o tempo modifique as coisas, suas funções, os desejos e vontades de pessoas e crie, por sua vez, conflitos entre os interesses de grupos e de gerações. O que num dado momento é do interesse dos mais jovens, pode não ser o dos mais velhos, bem como pode também não pertencer ao dos adultos. A pesquisa

nos levou a perceber a pouca importância que jovens, na atualidade, têm em manter as mesmas formas de tradição, como a que pontuamos, por exemplo. Para eles denota grande gasto de tempo e mediante ao pouco pertencimento às importâncias e questões que “não lhes cambem”, elas são vistas como sendo “exclusivas” aos mais velhos.

Ao entrevistar as jovens tapeceiras Rosana e Stella¹⁶, na madrugada, durante a feitura dos tapetes na Rua Dom Pedro II, foi possível perceber a posição de ambas em relação à tradição nos dias de hoje, suas perdas e sua continuidade. Em suas falas foram percebidas experiências e a aprendizagem dessas práticas com o tempo. Como seguem abaixo:

Pesquisador: Você voltará a fazer, ou continuará a fazer os tapetes em outros anos?

Stella: “Eu continuarei, mas [...] eu não sei se daqui a dez anos ainda vai ter isso. Porque, sei lá, a cada ano que eu faço tem menos pessoas e isso é através de estímulo, né?! Se não tem ninguém fazendo, ninguém vai tomar a iniciativa também”.

Pesquisador: O que essa tradição significa para você?

Rosana. “Ah, pra mim é tudo muito bonito, eu acho que é uma homenagem que a gente faz pra Cristo, né?! Eu acho muito bonito e importante. Deus - criou isso tudo - e a gente tem que agradecer muito a Ele, [...] retribuir esse favor que Ele nos fez, por meio dessas festas e homenagens.”

Pesquisador: Alguém te ensinou a fazer os tapetes?

Stella: “Eu não sei. Eu não me lembro. É tipo algo que é normal pra mim, entendeu?! Acho que foi minha mãe e todos aqui ao redor”.

Rosana: “Minha tia. Ela tipo, quando eu era pequena sempre falava pra eu vir fazer e minha mãe ficava aqui. Ela não deixava fazer porque eu não sabia contornar as imagens. Só que eu fui aprendendo com o tempo e ela me deixou fazer. Ah, eu gosto! Sei lá, é divertido”.

Pesquisador: Há quanto tempo participa da feitura dos tapetes?

Stella: “Desde que eu era pequenininha, eu não me lembro [...]”.

Rosana: “Seis, sete anos (mais ou menos). Eu faço todos os anos. Eu gosto porque eu acho legal [risos]. Porque é muito legal colocar serragem nas imagens. Tipo assim, muitas das vezes eu não vejo a procissão, eu só faço os tapetes, mesmo. Eu faço até uma meia-noite e paro, só pra ajudar um pouco. Eu acho importante, porque a rua fica decorada, bonita. E, também porque é uma homenagem”.

¹⁶ Cumpre informar que “Stella” e “Rosana” são pseudônimos, pois, nesses casos, as entrevistadas são menores de idade. Já que os nomes dos participantes menores de idade foram mantidos em sigilo, como exigência ética da pesquisa.

Pesquisador: Você está com quantos anos, Stella?

Stella: “Tô, com quinze anos”.

Pesquisador: Você acha importante manter essa tradição? Fazer os tapetes, todos os anos desde que você era pequena?

Stella: “Acho! A gente reúne muitas pessoas. E, também chama atenção para a cidade, pros costumes, para as tradições. Para ajudá-la!”.

Diante destes dados identificamos que as experiências das duas jovens vieram da socialização familiar e, em sequentes vivências nestes tempos de festa. Da diversão durante a noite, à reunião de pessoas em interações, foi possível perceber o que é que atrai a atenção dos mais jovens para essa prática. Também notamos em suas falas, a consciência de ambas diante da inerente transformação dessa tradição, que vai de um deleite estético presente no desejo de decorar a rua, às homenagens aos costumes familiares religiosos.

No entanto, Magda ressalta que vê entre os jovens certa insensibilidade ou negação de outras formas de sensibilidades que não sejam as tecnológicas/digitais da contemporaneidade: “*Os meninos de hoje, você vai me desculpar, não estão sendo criados para nada! É só internet, é só celular!*”. Ela observa essa tecnologia como alienante, ou, como algo que poderíamos relacionar ao declínio da experiência, e a ênfase na *individualidade* (BENJAMIN, 1994). Esse conflito ou tensão geracional não poderia ter as festas como momento de negociações de sensibilidades? Não haveriam sensibilidades de valor nos entretenimentos tecnológicos da atualidade, como jogos, *sites*, *blogs* e demais interfaces com o campo da visualidade? Se são as sensibilidades advindas de tais artefatos e práticas culturais a dominarem as novas gerações, não seriam as festas e os sujeitos portadores de sentidos do passado advindos de outras culturas temporal e espacial localizadas (renovados em cada presente do passado) que, em contato com outros sujeitos e sensibilidades configurariam possibilidades outras de educação e socialização intergeracional? Nesta situação, o que Magda estaria apontando são as diferenças históricas, as sensibilidades de cada tempo, “como forma de ser e estar no mundo” (PESAVENTO, 2007, p.10)? Questões suscitadas por nós no decorrer e ao cabo da pesquisa e que merecem outras investigações, sabendo que

“[...] estamos falando de uma sensibilidade, mediada pelos sentidos, que é dialogicamente individual e social. Ainda que estejamos diante de uma experiência particular, essa se conecta na história, na cultura, com o outro,

tornando-se sensibilidade de um tempo, o que nos permite operar com a ideia de uma sensibilidade partilhada” (MORENO; SEGANTINI, 2012, p. 33).

Esses diversos pontos de encontro e desencontro acabam por criar conflitos, tanto geracionais, quanto religiosos, ou ligados às crenças, à forma de como se portar diante delas e das relações sociais estabelecidas na rua, com o convívio entre vizinhos, parentes e amigos.

Esses conflitos foram também percebidos através da observação das lacunas que ocorriam no percurso dos tapetes em algumas ruas, como a Rua Comendador Viana (Rua do Fogo), sobre outro ponto que não o religioso, mas, de habitação residencial. Ambos têm em comum organizações de grupos sociais distintos, como é o caso do grupo religioso. Alguns sujeitos pertencentes a vertentes protestantes reconhecem e até permitem que façam tapetes à sua porta, mas, outros não, por se tratar de uma prática cultural-religiosa que não lhes agrada e por essa possuir em seu cerne o uso de imagens de adoração, o que não possui relação com seus princípios dogmáticos. Neste quesito, as lacunas presentes nos tapetes faziam reconhecer os limites dessa prática, ou, as rupturas sociais criadas por uma ornamentação convencionalizada como comum ao povo, o que não se configura como verdade.

Considerações finais

Foi possível identificar a presença da educação e da socialização nas interações estabelecidas na rua em torno da elaboração dos tapetes a compor a visualidade desta festa de caráter religioso.

Os gestos e as formas de transmissão de saberes e modos de fazer expressam o compartilhamento de experiências na medida em que conectam-se gerações mais velhas e mais novas, criando uma espécie de comunidade de destino.

Neste sentido, na análise das questões intergeracionais, a distinção entre posição geracional e conexão geracional, ganhou relevo para melhor entender as relações de transmissão dos saberes e fazeres acumulados, assim como entender as interpretações e dinamismos provenientes da interação das gerações e da distinção entre elas como produto de um processo dinâmico.

Quanto à conexão geracional que se caracteriza pela participação de indivíduos de uma mesma posição geracional que partilham um destino coletivo e que por este as gerações se conectam, criando um vínculo *concreto* que os preceda, a

pesquisa revelou que a festa denota um papel essencial no cumprimento deste vínculo, ao estabelecer a aproximação das gerações interceptadas através de costumes, o da tradição dos tapetes. Esta conexão concreta constituída por este evento agrega valores, que diferentes se tornam *comuns*, já que a festa marca o tempo e as alternâncias da vida coletiva de seus períodos e vinculações.

No exercício de estabelecer conexões entre festa, a cidade e o patrimônio pudemos refletir e entender que é possível reconhecer que as aprendizagens transmitidas e apropriadas se estabelecem no encontro entre as gerações, por meio interações que geram outras formas de socialização nem sempre possível no cotidiano escolar e da vida social das cidades. Uma geração tendendo a conservar os costumes e a outra tendendo a inová-los, expressando as sensibilidades de sua época, em seus limites e potencialidades. A ressonância que é *alimentada* pela socialização se amplifica percorrendo outros tempos, através da memória e da história das gerações mais velhas, que é repassada aos mais jovens através das narrativas constituídas por uma memória coletiva.

A pesquisa realçou que, na festa, formas de educação se apresentam por meio da transmissão de seus valores em saberes e fazeres, ou, através das várias narrativas orais, visuais, e, sobretudo, nas relações sociais. Nesse encontro de alteridades, a festa se manifesta e a tradição é então perpetuada integrando diferentes faixas etárias. Através do entusiasmo e da participação coletiva que a festa propicia, vimos as práticas de fé, de religiosidade configurarem-se em uma educação intergeracional. Essa festa que leva em seus ciclos uma produção, favorece união entre crianças, adultos, idosos, idades, gêneros e tempos permitindo às gerações que participam de uma noite especial compreender não apenas o seu próprio tempo, mas o tempo do outro. Neste ato, nesta “permanência” em que se inovam os modos de viver, pela interação social, o mundo é reinterpretado, para que outros sintam esses diferentes tempos, que são as sensibilidades daquilo que é e que foi vivido.

Nesse sentido, a pesquisa realizada contribui para entender a festa em sua multiplicidade de manifestações e como possibilidade de pensar a transmissão, as relações entre as dimensões culturais, religiosas, patrimoniais e a sociabilidade, o espaço, a história e a memória, dentre outros, como formas de constituir a dimensão educativa das festas, que a tangenciam e que por essa se articulam.

O tema das festas ainda é pouco pesquisado no âmbito educacional. Observamos que são raros os estudos que abordam suas diferentes definições, datações e a diversidade de práticas e saberes envolvidos em suas variações, sendo essa temática, portanto, pouco trabalhada para além da comemoração. Nesse sentido, essa pesquisa aponta para a necessidade de maiores diálogos que interconectem novos caminhos para associar a festa em sua relação direta com a educação.

Compartilhamos com Jadir de Moraes Pessoa (2007), que tanto têm contribuído para esse embrionário campo de estudos que articula festa e educação, dizendo que essa pesquisa pretendeu deixar pistas para contribuir com o aprendizado das culturas locais na cidade e nas escolas, para integrar a comunidade ao entendimento de sua própria produção cultural e, ainda, para a possibilidade de associar festa à educação. Como o próprio autor disse, a comunidade escolar pode investir no conhecimento das festas, em como realmente acontecem, ou ainda, estabelecendo-se o contrário, a festa indo à escola. Ambas, com suas limitações e fundamentações específicas, mas buscando a compreender e fazer conhecer a festa em sua mística, sua religiosidade, sua arte, estética, história, contexto e tradição, entre outras. Para isso, trabalhos realizados na escola com grupos de teatro, dança, música, enfim, como expressões para as releituras e recriações das festas, poderão oferecer possibilidades para que a *festa* seja tomada como possibilidade de desenvolvimento, de reflexão, de escrita, de vivências e discussões sobre o saber-fazer o, artístico, como no contexto da diversidade cultural brasileira.

Esperamos que as reflexões e análises, tanto quanto os dados levantados pela pesquisa, possam contribuir e subsidiar, de alguma forma, a leitura de festas enquanto patrimônio imaterial e vivo. Nessa tentativa esperamos ter podido fazer avançar o olhar do leitor para além dos muros da escola, na busca de contextualizar práticas populares às especificidades das ruas da cidade, e quem sabe tornar visível a forma como os sujeitos que elaboram as festas se apropriam da rua e dos espaços urbanos, para compor nestas formas outras de educação.

Referências:

BENJAMIM, 1994. **Obras escolhidas I** – magia e técnica, arte e política. 7ª edição. SP. Editora Brasiliense, 1994.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros**. UNESP. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIspeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>>. Acesso em: 08 de nov de 2015.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MORENO, Andrea. SEGANTINI, Verona Campos. Conhecer a história pelos cinco sentidos: na cidade com Alfredo Camarate e Machado de Assis. In: OLIVERIA, Marcus Aurélio Tabora de. **Sentidos e sensibilidades: sua educação na história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2012. P. 29-57.

PEREIRA, Júnia Sales. Ensino de História e Patrimônio na Relação Museu-escola. Cap. 5, p. 76-89. In: ZAMBONI, Ernesta; GALZERANI, Maria Carolina B.; PACIEVITCH, Caroline. **Memória Sensibilidades e Saberes**. Campinas, SP. Ed. Alínea, 2015.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervescências coletivas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida: significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PESAVENTO, Sandra J. Cidades Visíveis, Cidades Invisíveis, Cidades Imaginárias. **Rev. Bras. Hist. vol.27 no. 53**. São Paulo Jan./Jun. 2007, p. 13. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>>. Acesso em 12 de mar de 2016.

PESSOA, Jadir de M. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

_____. Aprender e ensinar nas festas populares Saberes. In: **Salto para o Futuro**. Boletim 02 – Abril de 2007, p. 03-14.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. **O Corpo de Deus na América; a procissão de Corpus Christi nas cidades da América portuguesa – século XVIII**. São Paulo: Annablume, 2005.

SANT'ANNA, Márcia. A Festa como Patrimônio Cultural: problemas e dilemas da salvaguarda. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**. N. 14, (maio, 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

SMOLKA, Ana L. Bustamante. O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais* Ana Luiza Bustamante Smolka. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 50, Abril/00, p.26-40

TITTONI, Jaqueline; OLIVEIRA, Renata Ghislani de; SILVA, Paula Marques da; TANIKADO, Grace. A Fotografia na Pesquisa Acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades de conhecer. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 59-66, jan./jun. 2010.

TOMIZAKI, kimi. Transmitir e Herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. In: **Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111**, p. 327-346, abr.-jun. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 17 de maio de 2016.

VAZ, Alexandre Fernandez. MOMM, Caroline Machado. Memória, cidade, educação dos sentidos segundo Walter Benjamin. 149-163. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **Sentidos e Sensibilidades: sua educação na história**. Curitiba, Ed. UFPR, 2012, 180p.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a07.pdf>>. Acesso em: 30 de nov de 2015.